A ANALOGIA DO SER NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA E TEOLÓGICA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

Castro Domingos Gaspar[1]
Antônio Joaquim Pinto[2]

RESUMO

O presente artigo, tem por objetivo principal demonstrar de que maneira um mesmo termo pode significar realidades completamente diversas, bem como acentuar a relação entre os seres finitos e o Ser infinito, ou seja, a relação entre Deus e as criaturas, evidenciando como buscou na filosofia grega, especialmente em Aristóteles, o sustento e apoio necessário para desenvolver todo seu pensamento. Na articulação de seu todo, o discurso pretende simplesmente focalizar de modo primordial o ser, partindo do propósito de que relação analógica se dá de maneiras diferentes ou diversas, ou seja, demonstrando que a expressão 'analogia' é uma questão de linguagem, pois um mesmo nome é aplicado a fim de subsumir uma gama de problemas que expressam realidades completamente diferentes. Assim, com a metodologia da revisão de literatura, buscar-se-á trazer de modo claro e distinto como se dá, em tentativas plurais de expressão, essa relação entre Deus e as criaturas. Concentrado na inspiração possibilitada pelo pensamento de Tomás de Aquino, o discurso delineia a tarefa de uma busca de compreensão do modo como este filósofo-teólogo expressa a analogia do ser e, consequentemente, em que sentido se dá essa proporção ou relação entre as coisas, os entes, e entre o Ser infinito e os seres finitos, ou seja, entre Deus e as criaturas.

Palavras-chave: Analogia. Ser. Relação. Deus. Ser Infinito. Criatura. Ser finito.

[1] Graduando em Filosofia. FAE Centro Universitário. *E-mail*: castro.gaspar@mail.fae.edu

[2] Orientador da Pesquisa. Coordenador do Curso de Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) e Professor na FAE-Centro Universitário, em Curitiba. Graduado, Mestre e Doutor em Filosofia. *E-mail*: antonio.pinto@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

A analogia do ser na perspectiva Filosófica e Teológica em São Tomás de Aquino é uma das grandes temáticas do período medieval, originando discussões metafísicas e proporcionando assim reflexões que atingem a nossa esfera sensível e suprassensível. A colocação de pensamento, motivada por discussões e reflexões, partia sempre do pressuposto fundamental de que o ser é o conceito mais universal de todos, ou seja, é um dos transcendentais que estão presentes em todas as coisas, sem confundir-se com nenhuma delas.

O discurso que ora se apresenta tem como objetivo principal demonstrar de que maneira um mesmo termo pode significar realidades completamente diversas, bem como acentuar a relação entre os seres finitos e o Ser infinito, ou seja, a relação entre Deus e as criaturas. Nessa tarefa revela-se a importância de esclarecer o significado do termo ser, pois o mesmo é aplicado a diferentes entes, levando-nos a afirmar, por exemplo, que Deus é ser, que o homem é ser, que a tartaruga é ser, etc. Orientados por esse propósito, a primeira parte do artigo será dedicada a um estudo aprofundado sobre a origem do pensamento de Tomás de Aquino referente à analogia do ser, que influências recebeu, qual o sentido linguístico que imprime ao termo ser. Com isso, dar-se-á um primeiro passo no esclarecimento do que está em causa nesse tema que move o pensamento no contexto medieval.

Na segunda parte de nosso artigo nos ocuparemos em evidenciar como, a partir do pensamento de Tomás de Aquino, acontece a relação entre o ser finito e o Ser infinito, demonstrando o quão tal modo de ver é fundamental para se compreender a metafísica e a teologia do Aquinate. Em sua colocação de pensamento filosófico-teológica, o Aquinate vai argumentar que Deus é o Ser Infinito e Subsistente e todas as outras coisas são seres finitos que d'Ele dependem para sua existência. São Tomás apresenta essa relação entre o ser finito e o Ser infinito de maneira muito intrínseca e única, fazendo aparecer o ser como criatura a partir de sua participação no Ser infinito, ou seja, manifestando todos os entes enquanto criaturas, provenientes, portanto, da criação do Ser Infinito.

E por fim, na terceira parte de nosso artigo, traremos sobre o modo como Tomás de Aquino apresenta a relação do ser como unidade e diversidade, como semelhança e dissemelhança. Esclarecendo como um ser pode ser semelhante e dessemelhante ao mesmo tempo, tendo unidade e diversidade, pois todos os seres têm em comum o ser e o que os diferencia é tão-somente a maneira como se dão: não na mesma medida e nem com a mesma proporção. Daí o porquê dessa relação não proceder por equivocidade ou univocidade, mas, sim, por analogia.

1 A ORIGEM DO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO SOBRE A ANALOGIA DO SER

Quando se pretende buscar a origem, ou definir o princípio do pensamento de Tomás de Aquino sobre a analogia do ser, é importante que se tenha a consciência de que essa não é uma tarefa tão simples e fácil quanto possa parecer à primeira vista. Primeiro porque não nos é viável acompanhar e dissertar sobre toda a investigação realizada nesta área de trabalho, de modo muito particular, no que diz respeito aos conteúdos valorativos implícitos no âmbito da metafísica no seu todo. Esclarece-se, portanto, que o tema que se procura elucidar, a partir do pensamento do Aquinate, é de teor metafísico.

De acordo com Aquino (1999, p. 661) "A metafísica é ciência primeira, por ter como objeto de todas as outras ciências, e como princípio, que condiciona a validade de todos os outros modos de pensar".

Mediante esse caráter de prioridade, Aquino (1999) define a metafísica[3] como aquela que pressupõe uma situação intelectual determinada, em que o saber já se organizou e se dividiu em diversas ciências, relativamente independentes e capazes de reivindicar a determinação de suas inter-relações e sua integração com base num fundamento comum. Portanto, ao expressar a sua natureza, a metafísica revela o projeto de sua investigação: ir além do físico e do empírico, articulando-se em seu discurso como ciência primeira, a matriz das ciências particulares, o fundamento comum de todo o saber, de modo que a posição que as ciências ocupam na hierarquia do conhecimento dependerá do grau de consonância com essa *scientia prima*.

Gonçalves (1984, p. 209):

> Tomás de Aquino baseia seu entendimento da analogia do ser em Aristóteles, que discute a ideia de ser e substância em sua Metafisica, Aquino adota e adapta esses conceitos aristotélicos para explicar a existência de Deus e a natureza dos seres criados.

De acordo com Spinelli (2006, p. 6) "O Deus de Aristóteles não cria o mundo, não cuida e não o conhece. É espírito puríssimo, que não pode ter nenhum contato com a matéria. Deus não se importa com o mundo, mas o mundo sente o fascínio de Deus".

Os elementos do pensamento são, segundo Spinelli (2006), a ideia de ser e

[3] Abbagnano, dicionário filosófico, comenta- Metafísica é uma área da filosofia que investiga questões fundamentais sobre a realidade, incluindo a natureza do ser, a existência, o tempo, o espaço e a causalidade. Ela busca entender o que está além do físico e do empírico, questionando a essência das coisas e a relação entre mente e corpo, entre o material e o imaterial (Abbagnano, 2009, p. 66).

substância, a noção de ato e potência, de motor imóvel, de ato puro, enfim. Para Aristóteles, o primeiro motor é imóvel, deste modo é ato puro, único, inextenso, eterno, inteligente. Ele move o mundo somente como objeto conhecido e desejado, não como causa agente. Deus move o mundo como primeiro inteligível e como primeiro apetecível, em outras palavras, move o mundo como causa final e não como causa eficiente.

Segundo Gonçalves (1984, p. 20) "Os pontos nos quais se funda toda a metafísica de Tomás de Aquino são os seguintes: a perfeição máxima é o ser, os seres originam-se do ser por criação, a criação é participação da perfeição do ser aos outros seres".

Há nos seres, de acordo o autor (1984), distinção real entre ser e essência entre os seres, e entre os seres e o ser existe analogia ou semelhança, porque todos eles são aparentados pela mesma perfeição. A perfeição máxima é o ser, não a ideia de ser, mas o ato de ser. Esta é a grande e genial intuição de Tomás de Aquino; intuição que lhe permite construir um novo sistema filosófico, diverso daqueles de Platão e Aristóteles. Trata-se de um sistema totalmente novo, mesmo no que se refere aos elementos que Tomás apreende de Platão e Aristóteles, porque esses são por ele 'batizados' nas águas lustrais de sua noção de ser. Em uma conexão de sentido entre motivos teológicos e filosóficos, o Aquinate defenderá que, em sua essência, Deus é o ser mesmo, pois o ser enquanto a suprema perfeição é o que mais convém a Deus.

De acordo com Aquino (1999, p. 30) "A comunicação do Ser aos seres não se dá por emanação, como ensinaram os neoplatônicos, mas por criação, produção, a partir do nada, de alguma coisa que participa da perfeição do Ser".

Segundo Aquino (1999) o novo conceito de ser explica a origem dos seres, a sua finitude, a sua semelhança e o seu agir e vir-a-ser; e revela que esses são semelhantes porque todos são aparentados pela mesma perfeição, e estão em condições de agir porque o agir é a irradiação do ser que possuem. Com o novo conceito de ser, Tomás pode explicar as relações entre substância e acidentes, entre alma e corpo: o acidente recebe o ser da substância, o corpo, da alma. Tendo a alma o ser por si mesma, a sua imortalidade é facilmente garantida. Por sua vez, o ser é a atualidade de todos os atos e, por isso, a perfeição de todas as perfeições. Aliás, a excelência de uma coisa depende do seu ser. As razões desse primado do ser, segundo Tomás de Aquino, são várias. Ao ser não se pode acrescentar nada que lhe seja estranho porque nada lhe é estranho, com exceção do não ser, que não pode ser nem forma nem matéria. Aqui temos uma grande diferença em relação a Aristóteles, visto que o Deus de Tomás conhece todas as coisas. Os seres procedem do ser por criação. A perfeição do ser como tal é única e identifica-se com Deus. Como explicar, porém, que além do Ser existam seres? Segundo Santo Tomás, isso se deve à ação criadora do Ser. O Ser subsistente não pode ser mais de um, logo, todos os seres diversificados necessariamente devem ser causados por um ser primeiro perfeitíssimo.

1.1 A APLICAÇÃO DO CONCEITO DE ANALOGIA PARA TOMÁS DE AQUINO: DA ATRIBUIÇÃO OU PROPORÇÃO E A DA PROPORCIONALIDADE

Definir a analogia não é uma tarefa simples como pode parecer, por isso, delinearemos uma explicação preliminar sobre o seu significado, procurando entrever sempre sua referência àquela compreensão que o pensamento de São Tomás de Aquino imprime a essa categoria fundamental do pensamento medieval.

Aquino (2001, p. 66), partindo da etimologia grega da palavra 'Analogia', apresenta desse conceito dois sentidos e significados que considera fundamentais:

> O primeiro sentido próprio e restrito, extraído do uso matemático (equivalente a proporção) de igualdade de relações, enquanto o segundo sentido de extensão provável do conhecimento mediante o uso de semelhanças genéricas que se podem aduzir entre situações diversas (Aquino, 2001, p.66).

Aquino (2001, p. 209) diz expressamente: "O termo analogia[4] é de origem grega (ἀνά+λόγος = αναλογία); '*analogon'* indica a proporção ou a relação entre as coisas; além de trazer a relação entre os entes finitos, apura a relação entre Deus e as criaturas, entre o Ser infinito e o ser finito".

Gonçalves (1984, p. 206) "Afirma que Tomás de Aquino destacou dois conceitos de analogia, ou seja, duas maneiras de aplicação que são: a analogia da atribuição ou proporção e a analogia da proporcionalidade".

Esclarece-se, portanto, do que o conceito trata na medida em que nos detemos nos modos de sua aplicação: de acordo com Gonçalves (1984), a primeira aplicação – da atribuição ou proporção – ocorre quando um mesmo nome, como em nosso caso, ser e ente, tem muitos significados, os quais estão todos relacionados. Assim, há um Ser que é anterior a todos os outros, ou é a causa dos demais, por isso, a relação na qual os outros seres se encontram com esse primeiro é uma relação de dependência ou derivação. Uma relação dessa natureza pode acontecer somente entre dois significados (união e alteração), dos quais, portanto, um é primeiro e outro derivado. Em cada caso, trata-se de uma relação de prioridade, por isso, esse tipo de analogia se diz ainda como anterior e posterior. Essa é chamada analogia de atribuição porque, como veremos, originalmente a relação que ocorria entre os vários significados dos termos análogos e o primeiro desses era uma relação de atribuição, ou de predicação, a qual tem lugar entre os acidentes e as substâncias. É chamada também de analogia

[4] Analogia é um conceito fundamental na filosofia de Tomás de Aquino e se refere à ideia de que, embora os seres criados e Deus sejam diferentes em natureza, é possível falar sobre eles de maneira semelhante. Aquino argumenta que todos os seres têm o ser como uma característica comum, mas esse ser se manifesta de formas diferentes (Abbagnano, 2009, p. 85).

de proporção porque a relação em questão (em grego *lógos*, em latim *ratio*) indica, exatamente, proporção, ou seja, comensurabilidade entre muitos significados. Por sua vez, o segundo tipo de analogia, a analogia da proporcionalidade, existe quando um mesmo nome, ou termo, possui muitos significados, cada um dos quais está sempre na mesma relação com um outro nome, ou termo, ou conceito que, por conseguinte, vem a ser proporcional, pois, neste caso, proporcionalidade quer indicar a identidade da relação, ou seja, da proporção. A proporcionalidade evoca de que maneira as coisas existem e se relacionam no mundo. Na colocação de pensamento do Aquinate, tudo o que existe tem uma certa "proporção" ou "ordem" relacionada à sua própria natureza e na medida que é em relação a outras coisas.

Buscando comungar com o pensamento de São Tomás, Gonçalves (1984 p. 207) elucida: "As coisas são proporcionais quando elas se relacionam de acordo com a ordem divina ou a natural, refletindo um equilíbrio e uma adequação que são características do ser".

No contexto do pensamento medieval, a concepção de proporcionalidade é, segundo Gonçalves (1984) uma maneira de descrever como o ser se manifesta de maneira ordenada e harmônica; sendo a proporcionalidade, assim, tida como um princípio que garante que as relações e as ações sejam adequadas e equilibradas. Com efeito, Tomás de Aquino vê o universo como uma ordem divina e harmônica onde cada ser tem um lugar e uma função proporcionais ao seu tipo. A proporcionalidade, então, é uma expressão da ordem natural que Deus impõe ao mundo. A estrutura do cosmos, com seus diferentes níveis de seres e suas respectivas funções, é vista como um exemplo de como a proporcionalidade garante a harmonia e a ordem. Na ontologia de Aquino, a proporcionalidade é refletida na hierarquia dos seres. Por exemplo, seres humanos têm um status ontológico diferente do das plantas e do dos animais, ou seja, em sua constituição ontológica os seres humanos refletem a rica complexidade e a perfeição da natureza racional e espiritual que receberam do Ser Infinito na criação.

2 A RELAÇÃO ENTRE O SER FINITO E O SER INFINITO NO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO

A necessidade, estrutura e primado da questão do ser, na verdade não é uma questão qualquer. Foi através dessa questão sobre o fundamento, ou seja, por uma busca investigativa de saber sobre o ser que Platão e Aristóteles, no empenho e desempenho do exercício de pensar elaboraram tratados que, posteriormente, legaram à humanidade para que intensificação do sentido e do conteúdo dessa questão se mantivesse real e necessária.

Aquino (2011, p. 45) parte do termo 'ser' em latim (*Ens; Esse*) para designar seja um ser[5] (*Ens*), seja o próprio ato de existir (*Esse*): "O ser, a coisa existente, aquilo que existe, aquilo que exerce o ato de existir ou que é concebido como podendo exercê-lo, denominado substância, sujeito, mas a existência, ou antes, o existir, é um ato".

Quando por esta via falamos do ser e sobre o ser, segundo Aquino (2011), retratamos sobre aquilo que está sendo, ou seja, o ente a partir da dimensão que lhe dá sua realidade; uma realidade plenamente independente do ato que dela toma esse conhecimento. O próprio ser (*ipsum esse*) apresenta-se como coisa existente, como seu ato, pois nessa perspectiva nada possui atualidade a não ser que exista. O existir é a atualidade de tudo o que é. É nesse sentido que o pensamento do Aquinate afirma que nada pode ser em ato sem que possua em si mesmo uma essência, pela qual temos a possibilidade de definir isso em sua diferenciação com aquilo. Desse modo, quando Tomás de Aquino fala do *esse*, do ser das coisas, sem conectar necessariamente a precisão *ipsum esse,* o próprio existir, pode-se dar o caso que ele esteja a englobar a essência com a existência. Mas na colocação de pensamento que aqui nos orienta, o Aquinate, ao distinguir a essência do ser, deixa manifesto que esse ser significa o próprio ato de existir.

Segundo Aquino (2001, p. 50), "O primado do ente é o de existir, visto que a essencialização do ente é a existência, ou seja, a essência do ente se dá no ato de existir, por isso a distinção entre essência e existência".

Por isso que, de acordo com Aquino (2001), quando essa distinção é utilizada, se fala do conceito de ser, isto é, do ser pensado em toda a sua generalidade, que está sempre relacionada com os aspectos que são comuns a todos os entes, mas que, ao ser abstraído desses, conduz ao ato de ser, indicando, assim, uma essência a toda existência determinada. O processo de distinção a que o Aquinate se refere consiste em abstrair de todas as determinações particulares possíveis dos entes para, assim, poder conservar somente aquilo que há de comum entre todos eles, desvelando-se a vigência de uma comunidade analógica.

Segundo Stein (2019, p. 151) "O ser finito, o ente que é temporal, não possui seu ser, mas lhe é dado cada vez, assim se apresenta a possibilidade de um princípio e de um fim no tempo, o que o ser não possui, mas tem necessidade do tempo para chegar a ser, portanto, seria o finito".

Ainda de acordo com Stein (2019, p. 152):

[5] Ser é o que une todas as coisas, envolve tanto a existência concreta quanto a essência que define o que algo é. Tudo aquilo que existe, que se dá como algo existente, é em si um ser, embora com manifestações diferentes (Abbagnano, 2009, p. 55).

> É verdadeiramente infinito o que não pode acabar, sendo que não recebeu o ser como dom, mas está em posse do ser, é dono do ser, e em verdade é o próprio ser, ou seja, chamamo-lo de ser eterno. Não tem necessidade do tempo, mas é também o dono do tempo.

Na esteira da tarefa filosófica que se desdobra em uma busca por clareza e distinção, Stein (2019) afirma que a diferença entre o finito[6] e o infinito[7] está explicitamente no entendimento de que o ser finito tem a necessidade do tempo para chegar a ser o que é. O ser finito é, portanto, algo objetivamente limitado: aquilo que foi colocado no ser, que vem a ser algo colocado no ser. O ser finito manifesta-se como algo que não é nada, mas que tampouco é tudo; e aqui reside outro sentido do ser finito: ser algo e não ser tudo. Por outro lado, o ser infinito, ou ser eterno possui plena posse do ser, de modo que seu significado de não ser nada é ser tudo e a eternidade que lhe é própria significa mais que a impossibilidade de um fim no tempo.

Segundo Stein (2019, p. 208), "A criatura se torna criatura somente por ter um criador, que por sua vez, lhe é dado o ser, pelo dono do ser, com isso, eu sou o que se dá com o ser, e essa unidade se torna real pelo ser que me foi dado".

Por isso, de acordo Stein (2019), o ser que é eterno possui a plenitude do sentido, e não pode "tomar" senão de si mesmo o sentido, com o que cada criatura fica completa quando é chamada à existência. Assim, o ser das essencialidades e das quididades não deve ser pensado independentemente do ser que é eterno. É o próprio ser eterno quem configura as formas eternas em si mesmo, não em um devir temporal, e segundo elas cria o mundo no tempo e com o tempo.

> O ser infinito é o íntimo mais íntimo do finito. A ele o ser pertence, não como algo que ele tem, mas como o que ele é. O infinito ou criador é o seu ser. O finito ou a criatura tem ser. E o tem, à medida que o recebe, que a ele se atém, nele se mantém. Já Deus não tem ser. Ele é ser (Fernandes, 2007, p. 49).

Por isso, segundo Fernandes (2007), o ser infinito está intimamente presente em todas as coisas, no sentido de que todo ser finito recebe dele o seu próprio ato de existir, que o torna um ser finito, nesse mesmo sentido, pode-se dizer que o ser infinito é o existir de todas as criaturas, porquanto é ele que concede e conserva o ato de existir de todas elas. O ser infinito está próximo de cada ente em sua finitude.

---

6 Finito é aquilo que a natureza do ser e da realidade muitas vezes exploram as limitações do mundo finito em contraste com as ideias de um ser supremo ou um universo infinito.

7 Infinito é frequentemente associado a Deus, que é descrito como eterno e ilimitado. A ideia de um ser supremo que não tem limites temporais ou espaciais é central em muitas tradições religiosas (Abbagnano, 2009, p. 72 e 73).

2.1 O SER COMO PARTICIPAÇÃO E CRIAÇÃO CONTÍNUA DO SER INFINITO

Segundo Aquino (2001, p. 81), "As coisas existem por participação. A participação significa que as criaturas não são o ser em si, mas participam do ser, do ato puro de ser que é Deus".

Também Aquino (2001) assinala que Deus, como ser, está intimamente presente em todas as coisas, o ser é o que há de mais íntimo e de profundo em todas as coisas, pois é o princípio formal de tudo o que nelas existe. É necessário, então que Deus esteja em todas as coisas, e intimamente. No entanto, Deus não é uma realidade física, pois ao tocar um ente não posso exclamar: toquei em Deus ou no ser, pois o que toquei foi uma manifestação divina. Então, Deus está no ente, mas não é o ente, não é uma realidade material, mas faz tal realidade existir, ser alguma coisa.

Segundo Rosset (2012, p. 99):

> Participação não significa que o ente recebe uma parte do ser, pois em Deus não há partes, antes significa que o ente possui de modo particular, limitado e imperfeito, aquela perfeição que, em Deus, ser subsistente, encontra-se de modo total, ilimitado e perfeito.

Como escreve Rosset (2012), dizer que alguma coisa recebe parcialmente, de modo limitado aquilo que a outro ser pertence de modo pleno e ilimitado significa declarar que o seu modo de ser é por participação. Com isso, se ressalta que todas as criaturas estão presentes em Deus e Ele está presente em todas as criaturas, sem deixar de ser alteridade absoluta. A criatura revela traços da divindade, mas não é Deus. Para expressar essa presença de Deus nas criaturas e vice-versa, um teólogo protestante, de nome Krause (1803), criou a expressão panenteísmo, que significa que Deus está em tudo e tudo está em Deus, resguardadas as apropriadas e necessárias diferenças entre criatura e criador.

3 A RELAÇÃO É COMO UNIVOCIDADE, EQUIVOCIDADE OU ANÁLOGO

Aquino (2001, p. 213) afirma que "A analogia deixa claro que não há univocidade[8], ou seja, identidade ou semelhança entre Deus e as criaturas, e não há equivocidade, ou seja, diferença, pois a imagem de Deus está refletida no mundo".

[8] Univocidade na obra de Tomás de Aquino, refere-se ao uso de uma palavra com um único significado em diferentes contextos. Quando um termo é usado de forma unívoca, ele mantém o sentido, independentemente da aplicação. Aquino utiliza esse conceito para esclarecer a comunicação sobre realidades, especialmente em relação a Deus e aos seres humanos (Abbagnano, 2009, p. 48).

O conceito ser, segundo Aquino (2001), é aplicado a tudo o que existe, visto que tudo o existe é, mas obedecendo a certas proporcionalidades, porque nem todos são do mesmo modo, nem todos têm a mesma substância e os mesmos acidentes, de igual modo. Assim, quando falamos que Deus é ser e que o lápis é ser, precisamos saber ou apreender o que há de comum entre eles e o que faz a diferença. São seres, mas não são iguais.

> Quando predicamos de Deus aquelas perfeições que são compatíveis com o ser infinito, não queremos dizer somente que Deus é a causa daquelas perfeições, e sim algo mais. Porém não podemos querer dizer que Deus é inteligente precisamente do mesmo modo que um homem é inteligente, ou seja, não podemos usar o termo num sentido unívoco, nem podemos usá-lo apenas equivocamente, se usássemos, o termo não teria sentido quando aplicado a um ser que transcende nossa experiencia natural. Nós usamos o termo, diz Tomás de Aquino, analogicamente (Copleston, 2017, p. 95).

O conceito ser, de acordo com Aquino (2001) não é unívoco, isto é, não tem o mesmo sentido para todos os seres. Chamamos unívocos os termos que designam sempre uma e a mesma coisa, são termos que têm um único significado. Homem, por exemplo, é um termo unívoco, pois designa-se com esse Pedro, Paulo, João, Teresa. O termo homem tem aqui o mesmo sentido porque designa seres humanos, mas há milhões de seres humanos e cada um se revela em suas singularidades, sejam físicas, culturais, políticas, econômicas e sociais etc. que em seus modos de se constituírem não acenam para a univocidade de sentido do ser real, pois enquanto ser participado, seres finitos, como o homem, recebem o ser segundo a sua capacidade própria sem jamais o poderem exaurir em sua perfeição. Daí o conceito de ser, segundo o Aquinate, não ser equívoco pois a participação dos seres finitos no ser se determinará segundo o grau maior ou menor de semelhanças e diferenças que o acompanham.

Por sua vez, quando falamos que um termo é equívoco referimo-nos ao caso em que uma mesma palavra indica coisas totalmente diferentes, indica realidades completamente diferentes, e não aponta para nenhuma semelhança entre si. O termo manga, por exemplo, pode indicar uma fruta ou a manga da camisa, ou ainda o macaco pode indicar o animal no zoológico ou o aparelho usado para levantar o carro na troca de pneus. Vemos então, que os seres indicados pela mesma palavra não têm nada em comum. Do mesmo modo, Tomás de Aquino afirmará que o ser real se encontra tanto no Ser Infinito como ser finito, mas analogicamente determinado, uma vez que, embora Deus e as criaturas sejam designadas como seres, o ser não se encontra no Ser infinito e nos seres finitos, em Deus e nas criaturas do mesmo jeito, nem na mesma medida, nem na mesma qualidade.

Boutroux (2000, p. 71) confirma que "A noção de ser não comporta a equivocidade[9] nem a univocidade, mas sim um conceito analógico".

A noção de ser segundo Boutroux (2000), atingida pela mirada metafisica, não comporta a equivocidade, pois para ele, não é possível a um ente ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, ser e não ser, tão pouco pode ser unívoco, porque o ser no seu acontecer real não é um, mas plural com múltiplas modalidades distintas de acontecer. Portanto, o ser se concebe e se predica de todos os entes, não univocamente, pois todos os seres são distintos, nem equivocamente, pois todos os seres têm algo em comum, mas sim analogicamente, uma vez que, mesmo na sua multiplicidade, na sua diversidade, todos os entes se referem ao que todos os entes têm em comum: o ser.

3.1 O SER COMO SEMELHANÇA E DESSEMELHANÇA

Copleston (2017, p. 96) "Predicamos de Deus alguma coisa positiva com a qual a inteligência humana tem alguma semelhança, mas essa semelhança é sempre acompanhada de disparidade".

De acordo com Copleston (2017), há entre Deus e as criaturas uma relação de semelhança e dessemelhança ou, ainda, uma relação de analogia. Nesse modo de pensar, aquilo que por sua vez se fala das criaturas pode, contudo, se falar de Deus, mas não é falado do mesmo modo, nem tão pouco com a mesma intensidade. O falar de Deus é sempre o falar por analogia. Portanto, se é certo que conhecemos alguma coisa de Deus, também, é certo que nosso conhecimento não reflete a natureza, ou seja, a essência de Deus, de modo que sabemos mais aquilo que Deus não é, do que aquilo que Deus é.

Copleston (2017):

> Existe um certo agnosticismo, mas é um agnosticismo parcial, resultante de uma convicção na transcendência divina, de um lado, e nas limitações da mente humana e da linguagem, de outro, não da indiferença ou da falta de esperança de jamais descobrir qualquer coisa que seja sobre Deus (Copleston, 2017, p. 96).

Conduzido pelo mesmo pensamento, de acordo com Copleston (2017), as criaturas são seres finitos, contingentes, compostos, enquanto Deus é simplicíssimo, eterno, infinito,

[9] Equivocidade segundo Tomás de Aquino, refere-se à possibilidade de uma mesma palavra ou termo ter múltiplos significados, dependendo do contexto. Aquino discute isso principalmente em relação à linguagem e à teologia, enfatizando que a linguagem humana, ao se referir a Deus, não pode capturar plenamente a essência divina (Abbagnano, 2009, p. 58).

tem o ser de si mesmo. Na medida que participam do ser de Deus, as criaturas em parte se assemelham a Ele, mas em parte não, ou seja, não há univocidade entre Deus e as criaturas, mas também não há equivocidade, pois sua imagem está refletida no mundo.

Fernandes (2007, p. 65):

> A criatura, portanto, só subsiste à medida que o criador lhe comunica o ser ou, então, à medida que a criatura participa do ser, que lhe é comunicado pelo criador. O criador está, pois, dependurado na dinâmica da comunicação ou participação do ser, que se dá no ente da relação criador e criatura.

De acordo com Fernandes (2007), a criatura é em parte semelhante a Deus por fazer parte do ser por participação ou comunicação, e é dessemelhante, porque a criatura tem o ser à medida que o recebe, que a ele se atém, nele se mantém, enquanto Deus não tem o ser, Ele é o ser, Deus é seu ser. Portanto, um ente é aquilo que existe em virtude de um Ser que não apenas é bom, mas é a própria Bondade.

Segundo Aquino (2011, p. 66) "Há entre Deus e as criaturas uma relação de semelhança e dessemelhança, ou, ainda, uma relação de analogia, no sentido de que aquilo que se fala das criaturas pode se falar de Deus, não do mesmo modo, nem com a mesma intensidade".

Por isso, de acordo Aquino (2001), o conceito ser é aplicado a tudo o que existe, porque tudo o que existe é, mas obedecendo a certa proporcionalidade, porque nem todos são do mesmo modo, nem todos têm a mesma substância e os mesmos acidentes. Assim, seguindo essa concepção analógica apenas compreensível pela dependência dos seres finitos em relação ao Ser subsistente e infinito, ao afirmarmos que Deus é ser e, do mesmo modo, que o lápis é ser, precisamos saber ou aprender o que há de comum entre eles e o que faz a diferença. São seres, mas não são iguais.

> A analogia é fundamental para explicar como se relacionam Deus e as criaturas, se ambos são seres, não do mesmo jeito, nem da mesma medida, nem da mesma qualidade, por isso, podem ser considerados sendo semelhantes e dessemelhantes (Aquino, 2011, p. 67).

Assim de acordo com o pensador (2011), o falar de Deus é sempre o falar por analogia, que nos relaciona e que permite funcionar essa intimidade entre Deus e as criaturas, o ser finito e infinito, se é certo que conhecemos alguma coisa de Deus, também é certo que nosso conhecimento não reflete a natureza de Deus, sabemos mais aquilo que Deus não é, do que aquilo que Deus é. Portanto, na medida que participam do ser de Deus, as criaturas em parte se assemelham a Ele, e em parte não, por isso a necessidade de se manter, num único e mesmo movimento de ascensão para Deus, a dialética da semelhança - dessemelhança.

Ainda o autor diz (2011), que não há identidade, univocidade entre Deus e as criaturas, mas também não há equivocidade, pois, sua imagem está refletida no mundo. Portanto, há evidentemente, entre Deus e as criaturas uma relação de analogia, nesse sentido, aquilo que se fala das criaturas pode-se falar de Deus, o falar de Deus é sempre o falar por analogia. Enfim, se é certo que conhecemos alguma coisa de Deus, também é certo que nosso conhecimento não reflete a natureza (essência) de Deus. Sabemos mais aquilo que Deus não é, do que aquilo que Deus é.

De acordo com Anselmo (1973, p. 15) "Que somente Deus é o que é, e Ele é aquele que é".

O autor continua dizendo (1973) que o ser, não é o mesmo em sua totalidade e em suas partes, ou que está sujeito nalgum ponto a variações, esse, certamente, não é aquilo que é. Ao contrário, Deus é verdadeiramente aquilo que é, porque tudo aquilo que tu és, ainda que apenas uma vez e de alguma maneira, contínuas sendo completamente e sempre. Por isso que, quando ressaltamos que todas as criaturas estão presentes em Deus e Ele está presente em todas as criaturas, claro está que o Ser infinito jamais deixa de ser alteridade absoluta e, por sua vez, a criatura, o ser finito, mesmo que revelando traços da divindade, não é Deus, não se confunde, de modo algum com o Aquele que é o ser mesmo, o Subsistente, o Único existente necessário, o Ser perfeito que resplandece nos seres múltiplos e finitos a sua Infinitude e Unidade; em simples palavras: Deus está em tudo e tudo está em Deus; resguardadas, certamente, as diferenças entre a criatura e o Criador.

CONCLUSÃO

Depois de diversas pesquisas, chegou-se a observar que a analogia do ser na perspectiva filosófica e teológica de São Tomás de Aquino aponta estritamente para a relação que se dá entre os seres finitos e também entre os seres finitos e infinitos, ou seja, entre Deus e as criaturas. Assim, o Aquinate constrói a tese de que essa relação não se dá univocamente, nem tão pouco equivocamente, mas sim analogicamente.

A colocação de pensamento filosófico-teológica de Tomás de Aquino apresenta que essa relação entre os seres não se dá univocamente, esclarecendo que os seres não são semelhantes, pois embora aqueles que se relacionam sejam seres, o ser real não se encontra tanto no Ser subsistente como nos seres finitos na mesma proporcionalidade e intencionalidade, do mesmo jeito nem tampouco com a mesma qualidade, pois é evidente a concepção de que os seres finitos são temporais, perecíveis, mortais, enquanto o Ser infinito é eterno, divino, imortal e atemporal.

De igual modo, essa relação não se dá equivocamente, porque, embora diferentes, dá-se entre os seres algo em comum, a saber: o próprio ser, que é compartilhado por todos os seres. Nessa perspectiva, o ser, em sendo tudo aquilo que existe e que é, pode designar a mesma pronúncia, a mesma palavra, mas significar algo completamente diferente. Por exemplo, ao dizer a palavra macaco, diz seja o sentido que a conecta a um animal, nomeando-o, como também pode designar um instrumento ou material para trocar o pneu de uma viatura. Por isso, essa relação não se pode dar equivocamente. Essa relação, segundo Tomás de Aquino, se dá analogicamente, permitindo que os seres, embora não sejam semelhantes e nem tampouco diferentes, se desvelem como aqueles que, em sua finitude e limitação, tenham o ser em comum e possam participar, num movimento de ascensão, da plenitude ilimitada de todas as perfeições, do Ser Infinito, do Ser por si mesmo, do Ser subsistente, que resplandece como a plenitude ilimitada de todas as perfeições, o que há de mais perfeito em todas as coisas.

A analogia só é compreensível, portanto, a partir dessa participação, comunhão do ser, que essencial e realmente encontra-se tanto no Ser subsistente, infinito, como nos seres finitos. A analogia é, por assim dizer, o modo como Tomás de Aquino, em seu pensamento de teor filosófico-teológico, procura compreender a dependência dos seres finitos, limitados em relação ao Ser subsistente e infinito, pois em sua orientação para a perfeição própria e dos outros, todas as criaturas contribuem para a perfeição integral do universo, espelho e reflexo da glória divina. Analogia é o modo de compreender como, na consumação de seu ser, todas as criaturas buscam a Deus, porque tudo o que os seres finitos buscam só é bom na medida em que participam da plenitude da bondade de Deus, o Ser Infinito que funda e ordena todas as coisas entres si e as conduz à consumação de um só e mesmo fim pleno, que é o esplendor e glória de Sua perfeição.

A colocação de pensamento filosófica-teológica de Tomás de Aquino é uma busca de, por meio da Analogia, afirmar a capacidade da inteligência humana para a verdade, reconhecendo a relativa autonomia das realidades terrestres, ou seja, dos seres finitos e limitados que, em sua participação do ser, buscam ao mesmo tempo e em profundidade a relação, o encontro, ainda que tangencial e fugidio, com o Ser Infinito, Perfeito, Subsistente, o próprio Ser, no qual, segundo S. Paulo, "existimos, nos movemos e somos".

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

ANSELMO, de Cantuária. **Proslógio.** São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

AQUINO, Tomás de. **O Ente e a Essência**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

AQUINO, Tomás de. **Verdade e conhecimento.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológico. Ia IIae. Vol 2**. São Paulo: Ecclesiae, 2001.

AQUINO, Tomás de. **O Ente e a Essência**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

AQUINO, Tomás de. **Escritos Políticos de S. Tomás de Aquino**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

ARISTÓTELES. **Metafísica, Ética A Nicômaco, Livro XII**. São Paulo: Editora Globo, 1969.

BOUTROUX, Veneziano. **Aristóteles**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

COPLESTON, Frederic. **Filosofia Medieval**: Curitiba: Editora Danúbio, 2017.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **Pensadores Franciscanos**: Paisagens e Sendas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

GARDEIL, Davi. **Introdução a filosofia de Tomás de Aquino**. Petrópolis: Vozes, 2016.

GONÇALVES, Simone De Oliveira. **A Analogia do Ser na Tradição Aristotélica-tomista**. São Paulo: Morcelliana, 1984.

KRAUSE, Karl Christian Friedrich. **System des Philophie**, Munique: Editora Gabler, 1803.

ROSSET, Frederic. **Metafísica**: antiga e medieval. São Paulo: Editora Paulus, 2012.

SPINELLI, Miguel. **Questões Fundamentais da Filosofia Grega**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

STEIN, Edith. **Ser finito e Ser Eterno**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.